

21-11-2024

corpo marcado **"corpo ferrado"**

Ernani Costa Mendes

[Fisioterapeuta INCA/Ministério da Saúde. Doutor em Ciências ENSP/Fiocruz]

Não há vida sem o corpo, sem a existência dos sentidos, memórias, dores, prazeres, espiritualidades... Para ter vida humana, tem que ter processos corporais, existências físicas, metabolismo celular, tecidos, órgãos, sistemas... Por mais espiritualizados e sábios que possamos ser, precisaremos da experiência do corpo! Muitas coisas marcam, lesam, ferem e ferram o corpo. O próprio viver degenera o corpo, viver muito ou pouco, dependendo do modo de vida, teremos agressões ao corpo. Sem contar com as doenças que abalam fortemente as estruturas do corpo, muitas maltratam, enfeiam, mutilam e matam o corpo... O que dizer do corpo e sua historicidade, sua representação política e social no tecido da humanidade? O corpo que faz e escreve histórias, que transforma a natureza, por meio do trabalho, em materialidades para permitir o andar da vida. O corpo social com sua representatividade cidadã, não menos simbólica, elabora e tece as nuances da vida. Esse corpo tem direitos que o protege, ele deve ser respeitado. O corpo que fala, canta, grita. É o corpo que come, goza, dança, adoce e morre, mas também pode matar! É o corpo que trabalha e constrói a nação, que paga caro pela exploração e dominação perpetuada pela racionalidade do capital, que se retroalimenta a cada dia para manter sua vertiginosa fome de lucro e sua hegemonia imperialista. Onde vem e como se mantém essa racionalidade? Ela vem de longe, é secular e atual ao mesmo tempo, porque é Ela que mantém a desigualdade entre as comunidades, sociedades, países que são compostos pelos corpos viventes. A moralidade da invasão, dominação, exploração perdura ao longo dos séculos, e teve seu início quando um corpo se considerou maior e mais importante, mais perfeito, mais divinizado que o outro. Poderíamos elencar aqui várias situações, exemplos e fatores que permeiam as desigualdades impostas entre e para os corpos, mas gostaria de ficar com apenas uma, a que foi na minha opinião a mais desumanizante das situações que atravessou os corpos das pessoas. Aquela que ferrava o corpo, a frio, sem anestesia, sem pena e sem dó! A expressão "tá ferrado" nos remete àquelas situações ruins, a percalços da vida. Muitos falam ou escutam, ... "aí cara, estou ferrado" ou "você está ferrado"... em diversas situações relacionadas à perda de alguma coisa: do emprego, da casa, do casamento, da saúde, etc., nos remetendo a algum momento de negatividade que atravessamos na vida. As tais dificuldades. Mas, qual seria mesmo a origem desta expressão? É a mesma da "feito nas coxas", "criado-mudo", "a coisa tá preta", "magia negra", "meia-tigela" dentre tantas outras preconceituosas e estritamente racistas.

Todavia, a intenção aqui não é ficar falando dos sintomas do racismo e sim contextualizar e convocar um comportamento e atitude antirracistas na sociedade clivada por ideologias, teologias e filosofias excludentes.

O problema está situado na reinvenção do racismo com suas teias e tramas de permanência que reproduz a segregação e a desigualdade galopantes. Conceber o racismo e como ele se engendrou no tecido social já é bastante complicado, agora o mais difícil é presenciar a sua vigência e perpetuação diária! O racismo é uma tecnologia que maltrata as pessoas, imputando nelas prejuízos aos seus estados de saúde, aos seus corpos. O racismo além de ferrar, mata os corpos das pessoas...

Então, o que seria o "corpo ferrado"? A prática de ferrar o corpo foi desenvolvida na prisca e horrenda era colonial pelos autoneameados "donos de corpos escravizados". Que depois de invadir, dominar territórios alheios (Continente Africano, para ficarmos apenas com um exemplo) e sequestrar corpos livres, no tenebroso mercado de corpos, ao vender ou comprar corpos, marcavam os mesmos com ferro quente e tatuavam a letra dos seus nomes no corpo da pessoa. A partir de então, esse corpo estaria marcado com a letra do seu suposto dono e "ferrado" em todos os sentidos para o verdadeiro dono do corpo. Para além disso, eram obrigados a atravessar um mar de turbulências, viajando por 40 ou 60 dias, em péssimas condições de acomodações e navegabilidade (no conhecido tráfico transatlântico). No Novo Mundo eram separados de suas famílias, culturas, aldeias e principalmente de suas histórias, e se permanecessem vivos, jamais saberiam de suas sortes e dos infortúnios que lhes aguardavam. O "corpo ferrado" quando desembarcava dos tumbeiros começava sua via-crúcis não espetacularizada, só e com muito medo, estranhava o mau destino, porém não esmorecia, muito pelo contrário, tramava e começava a sua saga pela sobrevivência. Entendia que precisava se juntar, se agrupar para não morrer. Desenvolveu técnicas, estratégias, resistências, desenvolveu o aquilombamento, que foi uma estratégia de fuga, não uma fuga covarde e sim uma fuga de reinvenção, de luta, de rebelião, deixando postulados e legados. Nos deixou como maior legado a força da ancestralidade, que anima, sustenta e impulsiona a nossa corporeidade. O colonialismo passou, muitos acreditam que sim, entretanto, nos deixou a sua moralidade, a lógica que mantém as desordens e os disparates socioeconômicos da contemporaneidade, deixando muitos corpos de fora de uma vida cidadã digna. Ainda temos muito da cultura escravagista, suas memórias nos assombram e ditam o modo, os comportamentos e as direções que nossos corpos assumem ou são colocados no mundo. A prática tacanha de marcar os corpos, ferrar os corpos com ferro quente foi sepultada, por ser inconcebível, por tamanho absurdo e desrespeito à condição humana do corpo. Porém, infelizmente, o trauma colonial dessa prática vigora e reverbera até os dias de hoje na sociedade que foi estruturada em bases racistas de dominação. Isso impacta no modo de vida de muitos corpos viventes, em suas expectativas para o futuro e em seus projetos de felicidade! ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.